

TENDÊNCIAS DA ORGANIZAÇÃO DIVISIONÁRIA

Major MOACYR PEREIRA
Oficial de EM

“A organização das unidades e o tipo dos armamentos devem, evidentemente, adaptar-se aos imperativos da guerra que se pretenda realizar ou que nos venha a ser imposta”.

Gen MARCEL CARPENTIER
Ex. Francês

Dentre os fatores que levam à constante evolução organizacional, um tem importância preponderante: o armamento. Quando algo de novo surge sob esse aspecto, dependendo da importância que adquire no campo de batalha, surgem, também, múltiplos problemas de organização e de emprego — muitas vezes, de difícil e demorada solução.

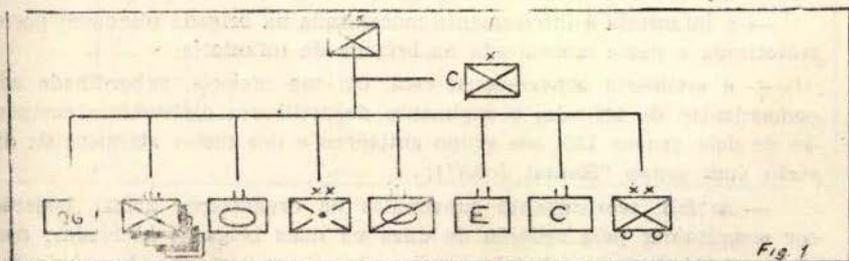
Assim foi, no passado, com o aparecimento da arma automática-portátil e do carro de combate. Assim é hoje, com o advento da arma nuclear — ou, mais precisamente — dos engenhos nucleares táticos, tipo canhão de 280 mm e “Honest John” (americanos) e T-5B e T-5C (soviéticos).

Tais armas, dotadas de extenso poder de destruição, levam os países mais diretamente ameaçados a buscar novas organizações, que possam enfrentar, com sucesso, os atômicos inimigos e que tenham capacidade para empregar os que lhes forem atribuídos.

Eis porque os norte-americanos abandonaram as tradicionais divisões ternárias, com tanto sucesso empenhadas na Segunda Guerra Mundial, e adotaram a solução de base quinária.

Tal solução, esquematicamente apresentada na Fig. 1, é caracterizada por:

— supressão de um dos escalões intermediários, entre a companhia e a divisão;



— constituição com o mesmo número de unidades das armas (5 grupos de combate, 5 baterias 105 na AD, 5 companhias de carros no BCC, 5 companhias de engenharia no BE), permitindo organizar, portanto, 5 elementos combinados;

— criação dos trens divisionários, nos moldes existentes na DB convencional, e incluindo um batalhão de transportes e uma companhia de aviação, que aumentam a mobilidade da DI;

— atribuição de maior potência de fogo ao comandante da divisão, pela possibilidade de empregar projéteis com carga atômica e pela existência de quatro baterias de ação de conjunto na AD (duas de Can 155, uma de Ob 8" e uma de 762, "Honest John").

Simultaneamente, com a adoção deste novo tipo de DI, os norte-americanos alteraram, também, as DAet — dando-lhes, coerentemente, organização quinária — e modificaram, se bem que de forma menos substancial, as DB, que passaram a dispor de poder de fogo atômico.

Curiosamente, os demais países do mundo ocidental não adotaram — nem mesmo se aproximaram (com exceção da França) — da nova organização americana. Da mesma forma preocupados com o problema atômico, chegaram, todavia, a conclusões diferentes. Assim, a Alemanha Ocidental, por exemplo, desde 1958, orientou os seus estudos no sentido da criação de uma "unidade" de armas combinadas mais leve que a divisão, capaz de enquadrar reforços consideráveis e podendo reunir-se a "unidades" semelhantes, constituindo, então, um nível correspondente ao atual divisionário. Chegaram, então, os germânicos, às chamadas "brigadas básicas".

O exame minucioso da organização alemã (esquemáticamente apresentada na Fig. 2), permite observar que:

— ambos os tipos de brigada (de infantaria e blindada) possuem infantaria e carros, pelo que talvez fôsse mais adequado dizer-se "brigada com predominância de infantaria" e "brigada com predominância de carros";

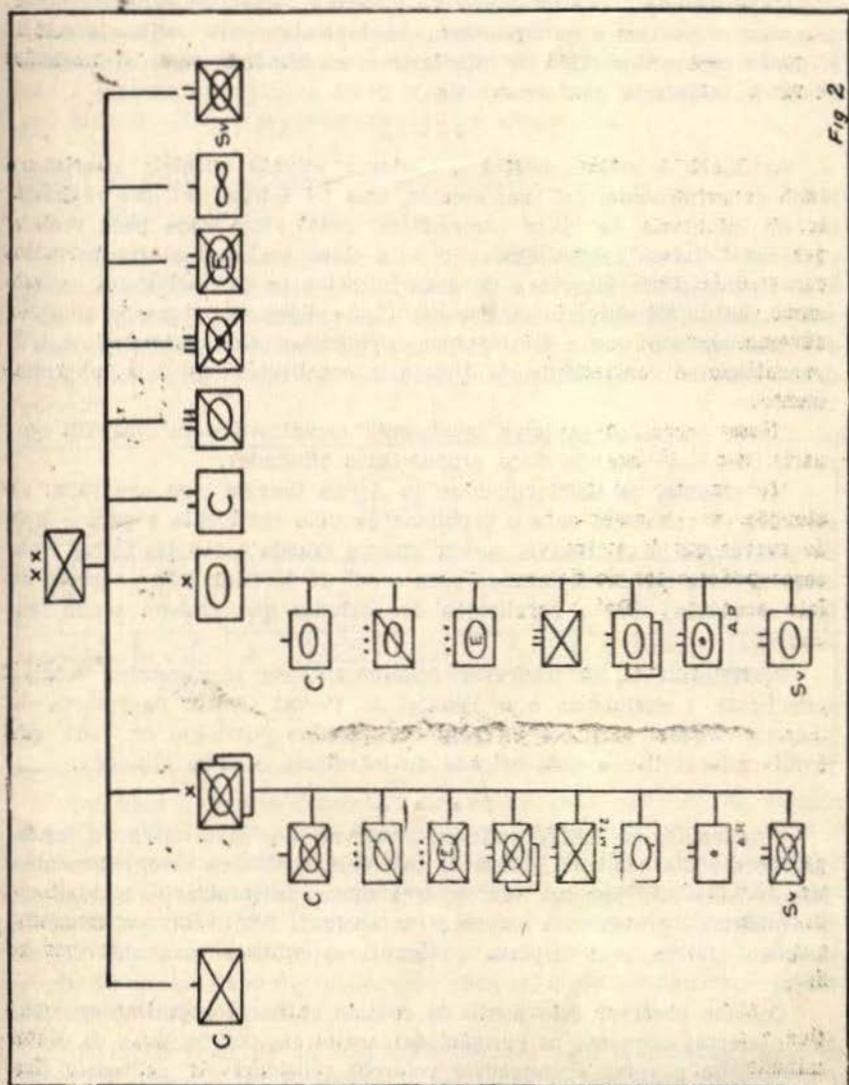
— a integração das armas (infantaria, blindados, cavalaria, artilharia, engenharia) se faz no escalão brigada;

— as brigadas são aptas a combater independentemente durante alguns dias, dispondo, para isso, de limitado apoio logístico;

— a infantaria é inteiramente mecanizada na brigada blindada; parte motorizada e parte mecanizada na brigada de infantaria;

— a artilharia convencional está, em sua maioria, subordinada aos comandantes de brigada; o regimento de artilharia divisionário compõe-se de dois grupos 155, um grupo antiaéreo e dos meios atômicos da divisão (um grupo "Honest John");

— as DB, teoricamente suprimidas na organização alemã, poderão ser constituídas pela reunião de duas ou mais brigadas blindadas; normalmente, todavia, as divisões serão mistas, comportando duas brigadas de infantaria e uma blindada.



A GRÃ-BRETANHA, que até 1955-56 não havia evoluído no sentido de tornar mais leves e móveis suas divisões, finalmente reviu a organização da GU básica e chegou a "grupamentos de brigadas" bem semelhantes à solução alemã.

Cada brigada — de infantaria ou blindada — terá unidades de tôdas as armas e serviços e compreenderá, fundamentalmente, artilharia média e quatro regimentos (três de infantaria e um blindado ou três blindados e um de infantaria, conforme o tipo).

* * *

A FRANÇA estêve prestes a adotar a solução quinária americana, tendo experimentado, em suas escolas, uma DI à base de cinco regimentos de infantaria (a cinco companhias, cada), idealizada para evoluir para uma divisão mecanizada, isto é, a cinco regimentos transportados em veículos sôbre lagartas. Os demais meios se assemelhavam, grosso modo, aos da DI quinária americana. Como diferença digna de atenção, devemos lembrar que a DI francesa apresentava dois comandos de GT, permitindo, ao comandante da divisão, a constituição de dois subgrupamentos.

Nessa época, os gauleses igualmente experimentaram uma DB quinária, isto é, à base de cinco grupamentos blindados.

No entanto, os acontecimentos na África fizeram com que tôdas as atenções se voltassem para o problema daquele continente e para o tipo de guerra que lá se travava, mesmo porque grande parte das forças francesas poderia ter de deslocar-se para o sul do Mediterrâneo — como de fato aconteceu. Daí a paralisação dos estudos que vinham sendo realizados.

Posteriormente, os franceses examinaram, em suas escolas, solução semelhante à germânica e o Ten-Cel J. Perret Gentil, da reserva do Exército daquele país, nos informa, em trabalho publicado em 1961, que já foi dado efetivo a uma brigada de infantaria e outra blindada.

* * *

Finalmente, na URSS, podemos observar que as divisões de formação recente são, também, à base de três unidades — no caso, regimentos. Tais divisões são, por sua vez, de três tipos: de infantaria, blindadas e mecanizadas — estas para emprêgo em apoio às DB. Têm, normalmente, pequeno efetivo, mas dispõem de ampla capacidade para absorver reforços.

Convém observar êste ponto de contato entre as organizações soviética e alemã: enquanto os germânicos concluíram por brigadas de determinado tipo e aptas a enquadrar reforços consideráveis, os russos fizeram o mesmo — mas em relação às divisões.

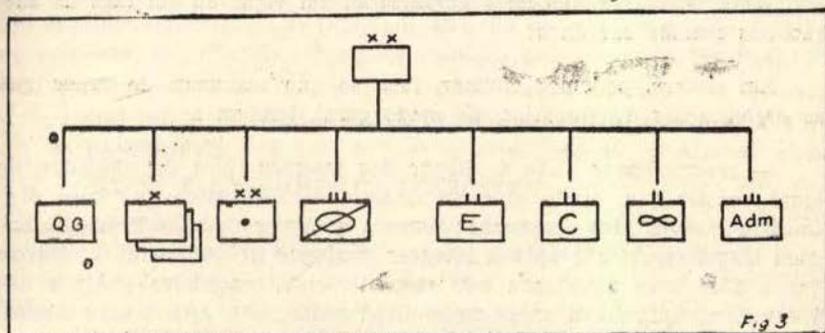
* * *

É, pois, verdadeiro dizer-se que os norte-americanos introduziram modificações, em suas GU, que não foram aceitas por nenhum outro país.

Mais tarde, as soluções adotadas pelos demais exércitos aliados, por um lado, bem como as ações limitadas, de caráter convencional, desencadeadas na ÁSIA e na ÁFRICA, fizeram ver que a organização quinária, que talvez respondesse perfeitamente à guerra nuclear (só a experiência da guerra poderia confirmá-lo), não era a mais adequada para atender aos vários tipos de guerra, nem aplicável em tôdas as regiões geográficas. Surgiu, ainda, a conveniência de aumentar a mobilidade tática e a proteção orgânica, tanto no campo de batalha nuclear, como no não nuclear. Daí os norte-americanos decidirem-se a :

- modificar suas atuais divisões quinárias, e a
- criar as divisões mecanizadas.

Nessa reorganização procuraram, a exemplo dos alemães — mas chegando à solução diferente — um nôvo grau de uniformidade que facilitasse a instrução e a estruturação das divisões. Chegaram, assim, a uma “base divisionária”, comum aos quatro tipos de GU (de infantaria, blindada, mecanizada e aeroterrestre), cuja constituição é indicada na figura 3.



Tal base permitirá controlar, através de cada comando de brigada, 2 a 5 batalhões de manobra, bem como os demais elementos de apoio. A AD compreenderá cinco grupos dos quais três de 105 e dois de ação de conjunto. O regimento de apoio administrativo centralizará num batalhão de suprimento e transportes e noutro de manutenção várias das funções antes executadas por unidades dos diversos serviços; disporá, ainda de um batalhão de saúde, uma companhia de administração e uma companhia de comando.

Os vários tipos de divisões serão obtidos pela reunião da “base comum” a diversas combinações de batalhões de manobra. Assim, uma DB terá, aproximadamente, igual número de batalhões de carros e de infantaria (5 a 6 de cada, por exemplo); uma D Mec terá maior proporção de infantaria blindada (como exemplo: 7 BIB e 3 BCC); uma DI ou uma DAet, superioridade em infantaria (8 BI e 2 BCC; 9 BIAet e 1 BCanAss, como exemplos).

As novas organizações divisionárias americanas permitem observar que:

— foram mantidos os tipos de GU até agora existentes (DI, DB, DAet). Alega a Secretaria da Guerra que “ainda não é exequível uma única organização divisionária, completamente equipada, para emprêgo em múltiplas missões, em todos os tipos de guerra e em qualquer terreno”;

— será criada a divisão mecanizada, para dar maior mobilidade e proteção orgânica à infantaria;

— haverá uma “base divisionária” igual em tôdas as divisões;

— será reduzida a motorização das DI, as quais terão capacidade para enquadrar — quando se tornar necessário — refôrço de veículos;

— haverá um retôrno à organização ternária; porém, não à forma rígida do pós-guerra, e, sim, a outra, extremamente flexível, graças à existência de comandos (de brigada) capacitados a enquadrar um número extremamente variável de unidades de diversos tipos. Haverá, conseqüentemente, coerência com a organização em vigor ou em face de adoção nos demais exércitos.

Em síntese, podemos afirmar, face ao que acabamos de expor, que as organizações divisionárias, de modo geral, tendem a:

— *assemelhar-se* (isto é, dispor dos mesmos tipos de unidades, de igual constituição, ainda que em quantidade diferente): a “base divisionária comum” dos americanos serve a qualquer tipo de divisão; a brigada alemã também é apta a integrar qualquer GU desse nível. Mesmo que a afirmativa americana seja absolutamente verdadeira (“Ainda não é exequível uma única organização divisionária...”), esta é uma tendência indiscutível das futuras divisões, as quais cada vez deverão ter maior similitude umas com as outras;

— *tornar-se ainda mais flexíveis*, face à existência de comandos capazes de enquadrar número variável de unidades e face à rápida evolução da técnica, influinto particularmente no armamento e nos equipamentos disponíveis;

— *fixar-se na constituição ternária*, à base de brigadas, constituídas por batalhões de manobra apoiados por unidades de artilharia e engenharia, adequados ao cumprimento da missão;

— *dispor de potência de fogo cada vez maior*, face, principalmente, à existência de atômicos no nível divisionário;

— *dispor de recursos aéreos cada vez mais amplos*. No momento, a unidade divisionária de aviação é, no máximo, do nível batalhão; todavia, a tendência geral é dotar-se, futuramente, os batalhões de manobra, com meios de transporte aéreo orgânicos.